



GT 01. A presença indígena na educação superior no contexto das universidades brasileiras: desafios na assistência estudantil e diálogos interculturais na formação profissional

Coordenador(es):

Marcos Antonio Braga de Freitas (UFRR - Universidade Federal de Roraima)

Carlos Kleber Saraiva de Sousa (UFC - Universidade Federal do Ceará)

Os povos indígenas têm ao longo da história de contato resistido aos diversos processos colonizatórios e dominação cultural. No contexto dessa resistência vem a luta pela garantia dos direitos sociais e culturais, destacando-se a questão do território, saúde, educação, entre outros. Entretanto, o recorte da proposta do GT é no campo das políticas públicas educacionais, com destaque para a educação superior como uma das formas de sua autonomia e resistência e fortalecimento identitário, sejam no âmbito das terras indígenas e/ou vivem e moram nas cidades. Destaca-se que a formação superior indígena no Brasil e na América Latina, a exemplo do México, Venezuela, Equador, Brasil, entre outras é uma realidade; tendo experiências exitosas no contexto da educação intercultural a partir dessa história de luta, resistência e os marcos legais. A formação intercultural indígena e as experiências em curso nas universidades brasileiras, a exemplo dos cursos de Licenciaturas Interculturais Indígenas e políticas de ações afirmativas com a presença indígena é uma realidade no contexto das políticas públicas das Instituições de Ensino Superior (IESs). A produção da literatura indígena e seus reflexos nos movimentos indígenas, nas escolas e comunidades indígenas são temas de discussões no GT a partir dos trabalhos de conclusão de curso e da própria formação profissional no âmbito das IESs.

Estudantes indígenas e produção do conhecimento nos cursos de licenciatura em Pedagogia e História na UEMS e UCDB: diálogo intercultural e saberes Outros

Autoria: Beatriz dos Santos Landa (UEMS - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul), Eva Maria Luiz Ferreira

A presença de indígenas no ensino superior consolidou-se nos últimos vinte anos como resultado da luta dos seus movimentos que passaram a reivindicar escolas, professores/as, currículos diferenciados, gestores/as provenientes das comunidades, material didático em que os saberes indígenas estejam presentes, transformando a escola anteriormente vivenciada pelos povos indígenas. Também neste período houve a ampliação do número de jovens que concluíram o ensino médio, e em decisão coletiva em um continuum formativo, a preparação para atuação nas escolas indígenas tem se mostrado uma demanda ainda em ascensão a partir de motivações sociais, familiares, econômicas, culturais. Desde a implantação na UEMS de ações afirmativas por meio de cotas de 10% em todos os cursos em 2003 as graduações em licenciatura são as que apresentam maior relação candidatos/vagas, demonstrando que passada mais de uma década desta política de ingresso na instituição a busca por este tipo de formação ainda é importante para a maioria dos povos do MS. Na UCDB as licenciaturas apresentam um grande apelo para este segmento discente. Desde os primeiros ingressos de indígenas, os cursos de licenciatura, tem contribuído na formação de professores/as indígenas, em sua maioria, pertencentes ao povo Terena. A instituição não tem política de ação afirmativa para ingresso, mas atende o estudante indígena por meio de um programa de bolsas de estudos. A execução do projeto Rede de Saberes que visa apoiar a permanência de indígenas no ensino superior desde o ano de 2006, tem propiciado oportunidade para a realização de etnografias das vivências deste segmento discente nas duas instituições, assim como tem produzido documentação sobre uma diversidade de situações neste



ambiente. O objetivo é analisar a produção acadêmica dos graduandos/as dos cursos de História e Pedagogia dos anos de 2017 a 2019 na UEMS e UCDB, cujos resultados das pesquisas estão materializados especialmente nos works de conclusão de curso, visando compreender como estas produções articulam-se com as perspectivas interculturais, decoloniais e a subversão do formalismo presente na escrita acadêmica. Estes dois cursos foram selecionados em virtude de serem ofertados nas duas IES, terem produções dos/das indígenas apresentadas para bancas e publicações, e por serem ainda escolhas de formação básica para atuação nas escolas indígenas existentes no estado de MS. Os resultados sinalizam que a interculturalidade mesmo não explicitada, está presente na escolha das temáticas, na organização da escrita que subverte a ordem tradicional, mas especialmente na subjetividade explícita ou implícita ao relatarem as suas trajetórias e do seu povo encontrados nestas produções.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: